O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO COMO AGENTE DE INFLUÊNCIA E TRANSFORMAÇÃO SOCIO-COMUNITÁRIO¹

Jeaane Cristina Oliveira De Brito Gomes
Teologia pelo UNASP-campus Engenheiro Coelho
Pedagogia pelo UNASP-campus Engenheiro Coelho
Docência Universitária pelo UNASP – Campus de Engenheiro Coelho.
Jeaane.cristina@gmail.com

Resumo: O homem sempre foi caracterizado por sua capacidade de relacionar-se, utilizando-se assim a comunicação. E ao relacionar-se com seus semelhantes ocorre, o uso de influência podendo tornar-se uma ferramenta de transformação social. O professor Universitário é um profissional que vivencia uma experiência de convívio com diversos níveis da sociedade. Portanto, a necessidade de pesquisar os processos de reflexão que pode levar o professor universitário a exercer uma influência tornando-se assim agente de transformação do pensar socio-comunitário em um intrínseco refletir não somente no ato estrito da docência, mas, sobretudo, todos os processos que exigem o pensar de um profissional numa sociedade complexa e globalizada, normalizante, sectarista e classista. Trata-se de pesquisa bibliográfica.

Palavras -chave: professor, reflexão, influência, transformação, sociedade.

Abstract: Man has always been characterized by their ability to relate to, using communication as well. And to relate to their peers occurs; the use of influence can become a tool for social transformation. The University professor is a professional who experience an experience of living with different levels of society. Therefore, the need to investigate the processes of reflection that can take the professor to exert an influence thereby becoming an agent of transformation of thinking in a socio-community reflect not only inherent in the act of teaching strict, but above all thinking processes that require a professional in a complex and globalized society, normalizing, sectarian and class. It is search bibliographic.

¹ Artigo redigido para Conclusão de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência Universitária: métodos e técnicas – Centro Universitário Adventista de São Paulo- Campus 2, na cidade de Engenheiro Coelho, 2011, sob a orientação da Profa. Dra. Marinalva Imaculada Cuzin.

Key words: Teacher, reflection, influence, change, society.

Introdução

Sem sombra de dúvidas, o papel do professor é de extrema importância no contexto social, pois possui um papel de expressão e influência sobre as pessoas com quem interage.

Sua influência abrange tanto na formação individual como social de seus alunos, devendo assim preocupar-se em utilizar esse poder de influência de forma a cada dia provocar e fortalecer os processos de autoconhecimento, visando promover a transformação individual e comunitária de seus alunos.

Mas o que é influência?

Influência segundo o dicionário de administração é a relação sistêmica diádica entre influenciador e influenciado, que ocorre quando o influenciador realiza um processo de influência (eficaz ou não) e quando o influenciado está manifestando efeitos em seu comportamento ou estado geral provocados parcial ou totalmente pelo influenciador.

É impossível pensar no papel do professor sem considerar a potencialidade deste líder como um provocador social que deve interessar-se pela participação social e sua influência de forma positiva a colaborar com a transformação tanto na vida dos indivíduos com que se relaciona, quanto nos grupos e comunidades em que estes estão inseridos.

No contexto de sala de aula encontramos a diversidade social, diversidade de idéias e comportamentos, sendo assim o espaço ideal para trocas de informações e reflexões profundas promovendo assim a possibilidade de crescimento e envolvimento social de todos.

O profissional da educação precisa questionar, refletir, analisar a realidade que a ele se apresenta para então promover mudanças sociais.

O professor universitário como agente de Influência e transformação socio-comunitário

O professor possui no exercício de sua profissão a oportunidade de agir e interagir com diversas classes sociais, estabelecendo vínculos e proporcionando reflexões que poderão produzir mudanças drásticas no comportamento e no pensar ideológico de seus discentes.

É um profissional que tem a oportunidade de avaliar o contexto social, as ideologias envolvidas na sociedade e usar o poder da comunicação em suas mãos para procurar influenciar positivamente seus alunos, provocando uma consciência política e social, levando a transformação. Pois, “a chave fundamental para transformação é a consciência da realidade e da própria capacidade para transformá-la.” (FREIRE, 1979, 78)

Como nos traz Ryyänänen (2008, 72):

O Brasil possui uma Sociedade de classes, forte segregação e desigualdade social, pobreza, preconceitos, discriminação étnica, econômica, política e cultural, corrupção e a presença cada vez mais marcante da violência e criminalidade. Do ponto de vista sociopedagógico tem como um dos principais problemas chaves: A segregação Social e a falta de convivência vertical, além do processo de naturalização da situação.

Já Guatarri (1996, p. 203) nos traz que:

Essa cultura de massa produz, exatamente, indivíduos; indivíduos normalizados, articulados uns aos outros segundo sistemas hierárquicos, sistemas de valores, sistemas de submissão - não sistemas de submissão visíveis e explícitos, como na etologia animal, ou como nas sociedades arcaicas ou pré-capitalistas, mas sistemas de submissão muito mais dissimulados.

Neste contexto, o professor é um ator que deve preocupar-se em proporcionar um diálogo problematizador, e envolver o educando em reflexões de sua postura e de suas possibilidades e mudanças. A construção do papel do ser professor é coletiva, se faz na prática de sala de aula e no exercício de atuação cotidiana na universidade. De acordo com Gadotti (1998, p. 72):

A educação não é neutra. Ou se educa para o silêncio, para a submissão, ou com o intuito de dar a palavra, de não deixar calar as angústias e a necessidade daqueles que estão sob a responsabilidade, mesmo que temporária, de educadores e educadoras nos âmbitos escolares. Sendo assim, métodos e técnicas precisam ser secundarizados na discussão sobre a educação, o que se deve atentar prioritariamente é sobre a vinculação, entre o ato educativo, o ato político e o ato produtivo.

Para produzir a transformação social, o professor precisa olhar o contexto a que está inserido, dando especial atenção às situações da realidade da vida e observando as oportunidades que favoreça o crescimento da comunidade ao qual está inserido. A profissão de educador é uma conquista social, compartilhada, pois implica em troca, influenciando vidas. Segundo Foucault (1998, p. 71):

O papel do intelectual não é mais o de se colocar "um pouco na frente ou um pouco de lado" para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da "verdade", da "consciência", do discurso.

É muito difícil pensar na possibilidade de educar fora de uma situação concreta e de uma realidade definida. Pois, cada ser humano é fruto do processo desencadeado ao longo da vida. No contexto de sala de aula encontramos a diversidade social, diversidade de idéias e comportamentos. Encontramos neste universo, conceitos que influenciam e influenciarão e direcionarão o agir do discente, durante toda sua vida. O professor então deve ser o agente provocador, de discussões e reflexões que poderão mudar o rumo do indivíduo e, por conseguinte da sociedade. Ainda segundo o autor (1998, p.12) “o Papel do intelectual específico deve se tornar cada vez mais importante, na medida em que quer queira, quer não, ele é obrigado a assumir responsabilidades políticas...”

O professor deve ser o agente operante da reflexão e da luta contra as formas de poder, ainda que ele não tenha consciência ele é um ser político e como um líder, uma pessoa que influencia com seus pensamentos jamais será uma pessoa apolítica ou neutra, devendo assim utilizar-se de sua posição para que positivamente promova reflexões. Para Gadotti (1998) o profissional da educação precisa ser desrespeitoso, não no sentido de faltar com o respeito, mas no sentido de questionar, refletir, analisar a realidade que a ele se apresenta para então promover mudanças sociais. Para o autor (1998, p. 71):

É preciso ser desrespeitoso, inicialmente, consigo mesmo, com a pretensa imagem do homem educado, do sábio ou mestre. E é preciso desrespeitar também esses monumentos da pedagogia, da teoria da educação, não porque não sejam monumentos, mas porque é praticando o desrespeito a eles que descobriremos o que neles podemos amar e o que devemos odiar. [...]. Nessas circunstâncias, o educador tem a chance de repensar o seu estatuto e repensar a própria educação. O educador, ao repensar a educação, repensa também a sociedade.

O educador necessita constantemente avaliar e repensar seus próprios conceitos e crenças. Necessitamos de professores formadores de opinião conduzindo á um refletir sobre o sistema, e que leve a uma ação e reação. Como nos diz Edgar Morin (2001, p. 92):

Na história, temos visto com freqüência, infelizmente, que o possível se torna impossível e podemos pressentir que as mais ricas possibilidades humanas permanecem ainda impossíveis de se realizar. Mas vimos também que o inesperado torna-se possível e se realiza; vimos com freqüência que o improvável se realiza mais do que o provável; saibamos, então, esperar o inesperado e trabalhar pelo improvável.

Esta deve ser a grande tônica do professor trabalhar e esperar, esperar e trabalhar desejando que o improvável torne-se realidade, que cada aluno seu possa ser um disseminador de concientização, agente transformador da sociedade. Neste universo, a busca pela identidade é inevitável. Sousa Santos (2003, p. 136) oportunamente nos lembra que:

A preocupação com a identidade não é, obviamente, nova. Podemos dizer até que a modernidade nasce dela e com ela. O primeiro nome moderno da identidade é a subjetividade. O colapso da cosmovisão teocrática medieval trouxe consigo a questão da autoria do mundo e o indivíduo constituiu a primeira resposta. O humanismo renascentista é a primeira afloração paradigmática da individualidade como subjetividade.

Mas o que é identidade? identidade procura demarcar fronteira, fazendo distinção entre o que fica dentro e o que fica fora e sob esta perspectiva o professor universitário necessita entender conceitos como identidade e diferença, promovendo reflexões sobre quais ideologias estão por trás da identidade e diferença em questão. Segundo Tadeu Silva (2000,81):

A identidade tal como a diferença, é uma relação social, elas não são simplesmente definidas, elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias, elas são disputadas. Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e da diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais

assimetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais.

Identidade e diferenças de certa forma estão co-relacionadas trazendo a tona o conceito de diversidade que está ligado as aspirações dos grupos sociais e das pessoas e as aspirações e a necessidade de administrar coletivamente realidades sociais que são plurais e de respeitar as liberdades básicas. Pois, a identidade é simplesmente aquilo que se é, e a diferença é concebida em oposição a identidade, aquilo que não se é. A identidade e a diferença são formadas como um resultado dos contextos culturais e sociais que vivenciamos, determinando assim nosso modus operandi.

A definição de identidade e diferenças também é intrínseco ao poder, ao desejo de diferentes grupos sociais garantirem o acesso de seus desejos, bens sociais como a autonomia de classificar, separar, demarcar fronteiras, normalizar e normatizar.

Trazendo assim, a possibilidade de obter o privilégio da hierarquização das identidades e diferenças. Mas, convém saber que a idéia ou conceitos de identidade e diferenças não são extáticos, acabados, permanentes, definitivo, ou seja, está unido ao sistema de representações que oscila como a sociedade e a cultura oscila. Pois, como nos diz Skliar; Duschatzky (2001, p. 119) “os discursos sociais se revestem com novas palavras, se disfarçam com véus democráticos e se acomodam sem conflito às intenções dos enunciadores do momento.”

A educação transformadora precisa colocar no seu centro uma teoria que permita não simplesmente reconhecer e celebrar a diferença e a identidade, mas questioná-la. Favorecendo, enfim, toda experimentação que torne difícil o retorno do eu e do nós ao idêntico. É necessário compreender que toda forma e tentativa de fugir a normalização, é vivida como uma grande perturbação, pois lembra-nos daquilo que queremos esquecer, lembra-nos dos nosso próprios defeitos, como diz Ferre (2001, p.198).

Nada há de tão perturbador como aquilo que a cada um lembra seus próprios defeitos, suas próprias limitações, suas próprias mortes; é por isso que as crianças e os jovens perturbam os adultos; as mulheres, os homens;

os fracos, os fortes; os pobres os ricos; os deficientes, os eficientes; os loucos, os cordatos; os estranhos, os nativos...

A normalização e normatização tenta impor sobre as classes sociais o estabelecimento letal das fronteiras mantendo o diferente longe. Como se o fato de ser diferente fosse doentio e contagioso, algo que deve ser condenado, combatido e extirpado, trazendo em seu enunciado segundo Duschatzky e Skliar (2001) o outro como fonte de todo o mal, o outro como sujeito pleno de um grupo cultural, o outro como alguém a tolerar. Na universidade manter a normalização é como nos diz Ferre (2001,p.199):

Produzir tudo ao contrário: nenhuma reflexão sobre um sujeito próprio, nenhum saber ou sabor acerca de nossa intimidade e um acúmulo de conteúdos sobre o outro que o define, o identifica e o encerra em um opaco envoltório tecnicista que faz dos demais os especiais, os descapacitados, os diferentes, os estranhos, os diversos e de nós os obviamente normais, os capacitados, os nativos, os iguais; e por isso dois são os tipos de identidade que a universidade segue produzindo ao transmitir o conhecimento acadêmico, científico e técnico que alude à diferença e a diversidade na educação: a identidade normal e a identidade anormal

Se faz necessário no exercício da docência universitária manter constante a pergunta de Duschatzky e Skliar (2001): Será impossível a tarefa de educar na diferença? E os autores mesmos (2001, p.119) nos respondem:

Felizmente, é impossível educar se acreditamos que isto implica formatar por completo a alteridade, ou regular sem resistência alguma, o pensamento, a língua e a sensibilidade. Porém parece atraente, pelo menos não para poucos, imaginar o ato de educar como uma colocação, à disposição do outro, de tudo aquilo que o possibilite ser distinto do que é, em algum aspecto. Uma educação que aposte no transitar por itinerário plural e criativo, sem regras rígidas que definem os horizontes de possibilidades.

Segundo McLaren (2000, p. 146) isto exige que os currículos e os educadores percebam que é:

[...] preciso reconhecer a importância de espaços de encorajamento para a multiplicidade de vozes em nossas salas de aula e de se criar uma pedagogia dialógica na qual as pessoas vejam a si e aos outros como sujeitos e não como objetos. Quando isso ocorre, os estudantes tendem a participar da história, em vez de tornarem-se suas vítimas.

Como participante ativo da história o estudante tem a possibilidade de interferir nela, trazendo uma carga de responsabilidade para si, sendo assim um aluno politizado Para Gadotti (1998, p. 85):

Estudante politizado é aquele que atua politicamente dentro e fora da escola. É um estudante que tem motivação pela qualidade, pela relevância social e teórica do que é ensinado. Passa a exigir do professor, tem interesse pelas relações humanas estabelecidas no interior da escola.

O professor provocador de reflexões inserido neste contexto, neste mundo de reflexões tem um papel político e precisa problematizar, buscando o porquê e o para quê do ato educativo; mais que isso, sua tarefa é a de quem incomoda, de quem evidencia e trabalha o conflito, não o conflito pelo conflito, mas o conflito para sua superação dialética. Dando voz e encorajando essas vozes a saírem dos cenários de vítimas para serem sujeitos pensantes, problematizantes, sujeitos que vejam a si e aos outros. E como nos diz Guattari (2001,p.55) “...é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época”.

O professor universitário deve agir de forma operante, não mais neutra nessa sociedade de conflito, não pode ser ausente apoiando-se apenas nos seus saberes; a omissão não pode mais fazer parte de seu aparato em sala de aula e na vida, pois, os problemas sociais, estão aí por toda parte e pedem uma solução. Ao novo educador compete refazer a educação, reinventá-la, como diz Gadotti (1998,p.90)

Criar as condições objetivas para que uma educação realmente democrática seja possível, criar uma alternativa pedagógica que favoreça o aparecimento de um novo tipo de pessoas, solidárias, preocupadas em superar o individualismo criado pela exploração do trabalho. Esse novo projeto, essa nova alternativa, não poderá ser elaborado nos gabinetes dos tecnoburocratas da educação. Não virá em forma de lei nem reforma. Se ela for possível amanhã é somente porque, hoje, ela está sendo pensada pelos educadores que se reeducam juntos. Essa reeducação dos educadores já começou. Ela é possível e necessária.

Este professor precisa levantar a voz não com o intuito de implantar ou impor suas ideologias e crenças, mas como alguém que tem opinião formada, que pode contribuir levando ao diálogo, pensando e refletindo sobre o conflito, conduzindo à problematização do seu saber. Concordamos com Ruiz (2003,57) quando diz que:

A transformação social, que muitos almejam para uma sociedade mais justa, com menos desigualdades, onde todos tenham voz e vez, só será possível a partir do momento que se evidenciem os conflitos, não tentando escondê-los ou minimizá-los, mas que os tragam à tona, para que assim a educação não contribua como mecanismo de opressão, buscando a superação e não a manutenção do status quo.

E como nos diz Lima (2009, p. 08):

Há uma necessidade de reflexão sobre as referências e aportes das identidades, especialmente, no que tange a implementação de uma escola democrática e aberta às diferenças (...) A escola de ontem e os seus modelos identitários não atendem Às demandas da atualidade. É inegável a constatação esse descompasso. Uma escola inclusiva, aberta incondicionalmente às diferenças de todas as pessoas, contraria o espírito excludente conhecido e vivido em nossa sociedade e relações sociais.

A universidade como uma instituição geradora de conhecimento deve ser também uma entidade geradora de transformação social tendo o professor universitário como o facilitador, o provocador destas discussões levando seus discentes a uma profunda reflexão, de qual seu papel na transformação social, não se aceita mais os modelos reprodutores e consolidadores dos papéis excludentes.

Metodologia

Esta pesquisa está classificada nos critérios de pesquisa bibliográfica para o embasamento teórico. Partindo da pesquisa realizada, os dados foram analisados a partir de leitura crítica e redação dialógica a partir dos autores apresentados.

Considerações Finais

O professor Universitário faz parte de um importante sistema chamado Educação, responsável por elaborar, manter e aperfeiçoar a sociedade, que por sua vez, alimenta os sonhos, anseios e ideologias de cada indivíduo. Para produzir a transformação social e sua própria transformação, os professores, têm enorme responsabilidade sobre seus gestos e atitudes, sobre o pensamento emitido, pois

são formadores de opinião. Deve então, engajar-se social e politicamente, percebendo as possibilidades da ação social e cultural na luta pela transformação das estruturas opressivas da sociedade classista. Para isso, antes de tudo necessitam conhecer a sociedade em que atuam, e o nível social, econômico e cultural de seus alunos. É necessário que o professor se assuma enquanto um profissional do humano, social e político, tomando partido e não sendo omissos, neutros, mas sim definindo para si de qual lado está, apoiando-se nos ideais, se está a favor dos oprimidos ou contra eles.

Posicionando-se então este profissional deve levar a população de seu raio de atuação a uma consciência crítica que supere o senso comum. No que se refere à necessidade de se formar um profissional crítico, que além de considerar os saberes, as vivências e memórias de seus alunos, construa novas formas de intervenção e atuação na sociedade atuando efetivamente como “Intelectuais Transformadores”.

Referencias Bibliográficas

DUSCHATZKY, Silvia; SKLIAR, Carlos. Os nomes dos outros: reflexões sobre os usos escolares da diversidade. **Educação e Realidade**. n. 2, v.25, jul./dez. de 2000.

FERRE, N. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. In: LARROSA, J.; SKLIAR, C. (Org.). Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 195 – 214

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação** uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo, SP: Cortez & Moraes. 2001.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio De Janeiro: edições Graal, 1998.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GUATTARRI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 2001.

LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos (Orgs.). **Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LIMA, N.S.T. Estudos sobre Inclusão. **Anais IX Encontro de pesquisa em educação da região Sudeste-ANPEDINHA**. Inst. Promotora/financiadora: UFSCAR, São Carlos, 2009.

McLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

Morin, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, 3.^a ed., 2001
São Paulo, Cortez.

RUIZ, Maria José Ferreira. **O papel social do professor: uma contribuição da filosofia da Educação e do pensamento freireano à formação do professor**.
Revista Iberoamericana de Educação. nº. 33, 2003, pp. 55-70

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In Silva, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença**. Petropolis: Vozes, 2000.